



Gramsci e a religião

Um pensador que vem sendo cada vez mais conhecido em nossos meios culturais é Antônio Gramsci. É um pensador italiano ateu, que estudou profundamente a ação da Igreja Católica em sua nação. Seu pensamento é, portanto, um ponto de referência importante para a reflexão crítica sobre a nossa prática social e cristã.

Há 42 anos morria na Itália, depois de levado ao cárcere pelo fascismo, o político sardo Antonio Gramsci. Morria ignorado pela direção do Partido Comunista, ao qual pertencera, e com a perfeita consciência de ter sido abandonado por seus próprios companheiros de luta, conforme consta nas «Cartas do Cárcere», enviadas à sua cunhada Tatiana antes da publicação em 1947. O seu pensamento, contrariando as previsões e a vontade dos dirigentes soviéticos, teve depois de sua morte um sucesso cada vez maior. Apesar da intensa polêmica que atualmente divide as opiniões a respeito de Gramsci, ele é hoje considerado, de maneira quase unânime, o alicerce do chamado marxismo teórico italiano e do caminho italiano para o comunismo. «Gramsci – escreveu recentemente um estudioso francês – está despontando como o terceiro homem do marxismo, depois de Marx e Lenin».

A questão Gramsci, ou seja, o problema

de sua mais correta interpretação, tão intensamente debatida em jornais, revistas, ensaios, provavelmente deverá permanecer por muito tempo ainda como assunto nos meios culturais. Gramsci, em nossa opinião, é um pensador que rejeita rótulos e fórmulas de manuais. Trata-se de uma personalidade complexa que sintetiza, de um modo extremamente original, grande volume de sugestões, de conclusões, e como tal deve ser interpretado. Digna de nota é sua grandeza moral. Embora sem se pretender fazer dela um mito, sobressai nele «a extraordinária exigência de sua mente e a coerência heróica de sua vida» (Leo Valiani). Diante disso, até os cristãos sentem «o fascínio da sua personalidade humana incontestável e excepcional» (Del Noce). Mas, à parte esse aspecto, difícil mesmo de situar é o seu pensamento, como um fragmento do mosaico mais ou menos bem constituído da cultura europeia do nosso século.

Gramsci jamais escreveu um livro pro-

priamente dito. Suas obras se resumem nos artigos de jornal e nas anotações esparsas dos «Cadernos». Entretanto, ele renovou o próprio conceito de intelectual e de sua função. Atualmente, já não é possível prescindir da sua maneira de fazer e de entender a cultura relacionada à vida. Ligado ao leninismo, Gramsci o supera e não apenas «traduz a linguagem de Lenin para o italiano», como já se afirmou. Esta superação se comprova pelo primado que Gramsci confere ao elemento superestrutural, ideológico, e portanto cultural, da sociedade sobre os puros fatos econômicos. Ligado ao pensamento de Marx, Gramsci também está embebido pela tradição cultural e filosófica italiana, desde Vico até Croce. Essa tradição é que está emergindo, cada dia mais, do íntimo do seu marxismo, com todos os elementos do historicismo e do espiritualismo leigo que ela comporta, embora a visão de História em Gramsci permaneça, sem dúvida alguma, ligada ao materialismo.

Os «Cadernos do Cárcere», cuja primeira edição integral e crítica só apareceu recentemente, constituem o mais importante documento do seu pensamento já amadurecido. Foram escritos, na maior parte, sob a forma de apontamentos, artigos curtos, reflexões, resenhas de várias obras, tudo pesquisado com extrema meticulosidade e obstinação. Com esse material, Gramsci tentava compor uma obra que servisse «para a eternidade», conforme assegurou por carta à sua cunhada Tatiana. Com essa expressão, Gramsci pretendia indicar o desapego, o desinteresse de quem considera as coisas com a consciência de jamais poder alcançá-las pessoalmente. Quería significar, com isto, a procura objetiva da verdade, sem as máscaras que possam deformá-la para fins instrumentais ou práticos imediatos.

Os «Cadernos» abrangem conteúdos das mais diversas disciplinas (política, filosofia, historiografia, arte, religião: islamismo, catolicismo, protestantismo, etc.). Sobre cada tema tratado multiplicam-se atualmente, em ritmo crescente, estudos e publicações. Curiosamente, entretanto, nota-se pequeno interesse, por um tema que Gramsci debateu e estudou com muita persistência. Esse tema, sempre presente nos seus julgamentos sobre a situação italiana, é a questão religiosa e o significado da Igreja e dos católicos na Itália.

Num programa de estudos que deveria ter feito, escrito no cárcere de Turi, a 8 de fevereiro de 1929, Gramsci anota que entre os principais temas que pretende desenvolver encontra-se exatamente este: «Origens e desenvolvimento da Ação Católica na Itália e na Europa», que mais tarde tornará mais preciso, assim: «História da Ação Católica. Católicos integrais, jesuítas, modernistas».

A questão da Ação Católica significa, para Gramsci, a questão do sentido e da função da Igreja Católica na Itália, nos tempos modernos. E a questão da Igreja Católica, para ele, coincide com a questão religiosa. Aqui se percebe uma significativa

diferença entre a posição de Gramsci e a de Marx em relação à religião (seria, talvez, pelo fato de Marx ter vivido num contexto teológico protestante?). Para Marx, a religião não passa de uma mistificação ideológica, uma alienação das consciências, que é preciso combater e destruir enquanto tal. Gramsci, porém, não orienta suas pesquisas para a «religião em si», para o seu «conceito», mas para a função histórica da religião, que na Itália se encontra inegavelmente presente no catolicismo. Desta maneira, Gramsci estuda o problema religioso mediante a função da Igreja Católica na Itália.

As idéias de Gramsci sobre a religião, o catolicismo, a Igreja, passaram por uma acentuada evolução desde 1912 até 1920. Como jovem socialista, foi influenciado pelo anticlericalismo da época e pela luta contra a chamada falsidade religiosa, «o estupro da razão». Por vezes, chega mesmo a definir o socialismo como a nova «fé» destinada a substituir nas consciências a fé religiosa. «Mas, enquanto em 1916 pensa ainda que a religião-socialismo deva destruir a religião-cristianismo com o evangelho da filosofia moderna, dois anos depois, em 1918, identifica no associacionismo dos católicos uma posição inconsciente de «suicídio» do catolicismo em benefício do socialismo» (A. Cecchi), operando-se assim uma mudança decisiva na colocação do problema. «O catolicismo — afirma Gramsci — trabalha inconscientemente para o socialismo, num processo de auto-destruição». A religião, o catolicismo em particular, tornam-se para Gramsci não uma idéia abstrata, metafísica, a ser negada do ponto de vista filosófico e social, a ser estudado e analisado em todos os seus componentes. Tal fenômeno também deve ser enquadrado no problema mais amplo do caminho a ser percorrido pela classe proletária na Itália, com a Igreja presente, a fim de que tome consciência de si mesma e, portanto, tenha eficácia histórica.

O tema a que nos referimos acima, a «auto-destruição do catolicismo», constitui a conclusão final de toda a análise de Gramsci relativa à Igreja. Esta análise se desenvolve inteiramente à luz de dois conceitos-chave elaborados por Gramsci: o do «bloco histórico» e o da «hegemonia».

O «bloco histórico» e a «hegemonia»

«Bloco histórico» significa para Gramsci uma unidade histórica, isto é, uma unidade orgânica de todos os elementos que compõem uma sociedade em torno de determinados valores. A História é vista como uma sucessão de «blocos históricos». Cada um deles é a expressão de determinados valores e de uma determinada classe que, naquela época, prevaleceu sobre as outras, mantendo sobre a sociedade inteira a própria «hegemonia». Assim é que se teve um bloco histórico feudal, ligado à propriedade da terra, do qual a Igreja se fez intérprete na Idade Média. (Gramsci atribui exatamente à Igreja Católica o mérito de haver consolidado o bloco histó-

rico medieval.) Teve-se um bloco histórico burguês, ligado ao nascimento do capital industrial na sociedade moderna. Da fragmentação da burguesia, estamos agora assistindo ao nascimento do bloco histórico socialista, ligado à tomada de consciência do proletariado.

Um bloco histórico, para assegurar sua unidade, constitui-se de diversas articulações internas e de múltiplas relações unitárias entre os elementos que, aparentemente, se mostram esparsos e diversificados.

O bloco histórico constitui-se, principalmente, pela unidade entre estrutura e superestrutura, isto é, entre a base econômica, as forças do sistema de produção, e todo o conjunto de instituições através das quais a classe dominante difunde sua ideologia para obter o consenso das classes subordinadas. A ideologia da classe que está no poder, isto é, sua visão de mundo condicionada por seus interesses, apre-

ANTONIO GRAMSCI

- 1891: A 22 de janeiro, Antônio Gramsci nasce em Ales (Sardenha), o 4.º de 7 filhos de uma família muito modesta.
- 1894: A família de Gramsci muda-se para perto de Nuoro. Nesta época é que Antônio sofre uma queda que lhe causara uma deformação na coluna vertebral.
- 1903: Gramsci conclui os estudos primários, trabalhando simultaneamente em Ghilarza, a fim de ajudar a família. Seu pai, entretanto, foi preso por motivos de ordem administrativa e Antonio não pode retomar os estudos até 1905.
- 1908: Conclui os estudos ginasiais e matricula-se no Liceu Dettori, de Cagliari, para onde se transfere junto ao irmão Gennaro; conhece o diretor do diário «A União Sarda», que em 1910 publica o primeiro artigo de Gramsci.
- 1911: Concluído o Liceu, ingressa na Faculdade de Letras de Turim. Em virtude da grave situação econômica da família, somente pode prosseguir na Faculdade graças a uma bolsa de estudos. Nesta época conhece Togliatti, com quem dá início a uma pesquisa sobre a estrutura social da Sardenha. Mostra-se interessado, principalmente, pela filosofia moderna, mas lê Croce, Marx, Salvemini. Neste período ele é «sardista».
- 1913: Gramsci dedica-se exclusivamente aos estudos. Mas a reduzida importância da bolsa lhe impõe grandes privações que lhe arruinam a saúde. Volta para a Sardenha sem prestar exames. No outono desse ano, tendo retornado a Turim para os exa-

senta-se como a única verdadeira exatamente porque é, historicamente, a da classe protagonista de uma determinada época.

A «superestrutura» é constituída de dois aspectos: a sociedade civil e a sociedade política. Esta última é o conjunto dos órgãos que exercem uma função coercitiva e de poder direto (jurídico, penal, político, militar). A sociedade civil, entretanto, é constituída por aqueles órgãos da superestrutura que permitem a orientação «intelectual e moral» da sociedade, obtendo assim o consenso e a adesão de todos os grupos sociais. A sociedade civil, à qual Gramsci confere uma nítida supremacia sobre a sociedade política, é, portanto, o meio onde se elaboram e se difundem as ideologias (artes, ciência, economia, filosofia, organização escolar, organização religiosa, editoras, bibliotecas, etc.).

«Ideologia» para Marx significava mistificação teórica pura e simples da realidade. Para Gramsci, ideologia significa a

difusão de uma filosofia a todo o tecido social, da arte ao folclore, ao senso comum, às várias expressões da cultura. Abrange também, portanto, todos os órgãos que as difundem (imprensa, escola, universidade, instituições religiosas, etc.). Se uma filosofia pretende tornar-se «vida», isto é, se pretende conquistar um consenso amplo e unitário em relação aos valores que encerra, ela deve tornar-se uma ideologia, permeando todo o tecido social através dos organismos da sociedade civil. A «sociedade civil», portanto, constitui para Gramsci a «base» e o «conteúdo ético» do Estado, enquanto a classe politicamente dominante somente quando baseada nestes valores culturais é que pode dar sentido ao próprio poder, conferindo-lhe um caráter de universalidade e de legitimidade.

Nos diversos «blocos históricos» que se sucederam na História, a relação entre sociedade civil e política apresentou aspectos bem diferenciados, na medida em

que prevalecia ou a sociedade política sem o consenso da sociedade civil (ditadura = bloco histórico regressivo), ou a sociedade civil sobre a política, levando ao rompimento da unidade do bloco histórico precedente e à instauração de uma nova ordem (bloco histórico progressivo).

Um bloco histórico atinge a maturidade e a plena eficácia histórica quando entre as duas dimensões que constituem a superestrutura — sociedade política e sociedade civil — existe uma unidade orgânica e duradoura. Os intelectuais, para Gramsci, são precisamente aqueles que asseguram tal unidade. Eles constituem aquele estrato social importantíssimo que tem a função de gerir todo o elemento superestrutural da sociedade. Não formam uma casta isolada, mas, confundindo-se com a massa, com o povo, com os humildes, sabem auscultar suas necessidades e aspirações, sabem colher as novas idéias que germinam, sabem traduzi-las e difundi-las com

- mes, inscreve-se na facção socialista e colabora no jornal «O Grito do Povo».
- 1914: Torna-se militante socialista. Publica em «O Grito do Povo» o primeiro artigo político contra a guerra. Mas é obrigado a abandonar definitivamente os estudos, por causa da saúde precária e para ministrar aulas particulares que lhe assegurem a sobrevivência.
- 1915: Dedicar-se principalmente aos estudos e ao aprofundamento das obras de Marx. Em dezembro é aceito na redação do jornal «Avanti!»
- 1916: Crítico teatral do «Avanti!», também escreve regularmente para «O Grito do Povo», do qual se torna diretor em 1917.
- 1917: Escreve sozinho o número único de «A Cidade Futura», ensaio de crítica marxista. Em novembro, após a Revolução Russa, redige o famoso artigo «A Revolução contra o Capital», no qual afirma que os fatos históricos haviam desmentido, na Rússia, o «Capital» de Marx, que previa uma revolução socialista somente nos países altamente industrializados.
- 1918: «O Grito do Povo» deixa de ser editado. Juntamente com Togliatti, Gramsci torna-se redator do «Avanti!».
- 1919: Com Tasca, Terracini e Togliatti, funda uma nova revista semanal — «Ordem Nova» — da qual se torna secretário de Redação. A partir do artigo «Democracia Operária», Gramsci lança a idéia, esclarecida em sucessivos artigos e testada na experiência concreta, de transformar as comissões internas, «núcleos de soviets», em conselhos de fábrica. Os conselhos de fábrica se multiplicam e Gramsci se torna o seu líder. Tem início a experiência denominada «conselheiral».
- 1920: No seio do Partido Socialista Italiano, Gramsci se opõe ao grupo de Serrati e ao de Bórdiga. Em agosto funda

- um «grupo de educação comunista», do qual prepara um manifesto juntamente com Bórdiga. O semanário «Ordem Nova» deixa de ser publicado, surgindo em seu lugar o diário «A Ordem Nova», órgão dos comunistas de Turim, do qual Gramsci assume a direção.
- 1921: Em 21 de janeiro, a partir do Congresso do Partido Socialista Italiano em Livorno, os delegados do grupo comunista criam o Partido Comunista da Itália como secção da III Internacional. Gramsci, um dos fundadores, faz parte do Comitê Central.
- 1922: Gramsci participa do II Congresso do Partido Comunista da Itália, mas demonstra reservas em relação à política do Partido. Designado como delegado italiano na Internacional Comunista, segue para Moscou. Gravemente enfermo, obtém a recuperação na Casa de Saúde Serebriani Bor, onde conhece uma jovem musicista russa, Julka Schucht, que se tornaria sua esposa. Na Rússia, Gramsci se torna o chefe do Partido Comunista da Itália, sendo enviado a Viena, em 1923, para acompanhar os acontecimentos italianos ligados ao nascimento do fascismo.
- 1924: Eleito deputado por Veneza, Gramsci pode deixar Viena e voltar para a Itália em maio. E agora o secretário-geral do Partido. Em agosto nasce seu primeiro filho, Délío.
- 1925: Encontra em Roma a cunhada Tatiana Schucht, que o assistirá nos últimos anos, na prisão. Colabora na criação da escola do Partido e redige, com Togliatti, as teses do III Congresso do Partido Comunista da Itália. No outono, Julka e Délío o reencontram em Roma.
- 1926: Julka volta para a Rússia, onde em agosto nasce o segundo filho de Gramsci, Giuliano. Começa a redigir os apontamentos sobre a «Questão Meridional». A 14 de outubro, Gramsci

- envia ao Comitê Central Soviético uma carta, manifestando preocupação pelas lutas internas do Partido e admoestando sobre o perigo que elas representavam como fonte de esvaziamento da «função dirigente que o Partido Comunista da Rússia havia conquistado sob o impulso de Lenin». A 8 de novembro, apesar de sua imunidade parlamentar, é preso por ordem dos dirigentes fascistas. Gramsci sempre se havia recusado a deixar a Itália, apesar da insistência do Partido. Primeiramente foi detido no cárcere Regina Coeli, de Roma; depois foi enviado à ilha de Ustica.
- 1927: Gramsci é transferido para o cárcere de Milão, para a instrução do processo.
- 1928: Perante o Tribunal Especial de Roma desenvolve-se o julgamento de Gramsci, Terracini, Roveda, Scocimarro. Gramsci é condenado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de prisão.
- 1929: Detido no cárcere de Turi (Bari), obtém permissão para escrever. Começa a redação dos «Cadernos do Cárcere» (em 1937 seriam 33), que continuará ininterruptamente, apesar das frequentes crises (hemoptise, arteriosclerose). Um projeto de troca de prisioneiros entre a Rússia e a Itália não se consumou. Gramsci é internado numa clínica em Formia e daí novamente transferido para Turi.
- 1934: A 25 de outubro lhe é concedida a liberdade condicional. E transferido para a Clínica Quisisiana de Roma.
- 1937: Em abril termina o período de liberdade condicional. Gramsci está livre. Mas ao amanhecer de 25 de abril, é vitimado por uma hemorragia cerebral, vindo a falecer dois dias depois. As suas «Cartas do Cárcere» seriam publicadas em 1947 (algumas bem mais tarde) e os «Cadernos», a partir de 1948.

eficácia. Os intelectuais são, em resumo, não aqueles que elaboram idéias próprias, individuais, mas aqueles que sabem tornar explícitas (e este é o verdadeiro sentido de «cultura») as idéias que o povo cria de maneira implícita, e sobretudo as idéias da classe social que se encontra na iminência de se tornar protagonista ou sujeito de uma época histórica. Os intelectuais são elementos «orgânicos», unidos a essa classe social, às massas em via de conquistar a hegemonia. «Todos — observa Gramsci — são intelectuais, mas nem todos têm a função de intelectuais». Os intelectuais preparam a direção moral e intelectual da classe social historicamente emergente, quando esta classe ainda não detém o domínio político. Uma vez conquistada a direção política, sua função é a de manter a unidade entre os dois elementos da superestrutura, da qual se podem dizer os «funcionários».

Aqui se explica o segundo conceito importante, elaborado por Gramsci e acima citado: o conceito «hegemonia».

Gramsci entende, com esse termo, o conjunto das funções de domínio (funções burocráticas de educação e de direção) exercido por uma classe social num determinado período histórico. A hegemonia é a capacidade de formar um bloco social unido, mediante a ideologia, da qual os intelectuais são os funcionários. Diferentemente da hegemonia de Lenin (ditadura pura e simples), para Gramsci, uma classe social que pretenda obter o poder político deve primeiramente dirigir de fato a sociedade mediante o consenso de todos os organismos da sociedade civil. Em outras palavras, deve alicerçar seu domínio sobre um consenso em relação a determinados valores, difundidos pela ideologia através dos órgãos intermediários. Nisto consiste, precisamente, a hegemonia.

A classe do proletariado, para Gramsci (assim como para todo o marxismo), é destinada a ser a classe protagonista da história futura, a ser o principal «sujeito» histórico do futuro. E, se ela pretender a tomada do poder deverá desenvolver sua luta no terreno da hegemonia ideológica. E conseguirá implantar a própria hegemonia somente através do desmantelamento da ideologia dominante, mostrando como ela é anti-histórica e superada. Hegemonia também significa a capacidade de apreender a situação real, para não se limitar a uma espera passiva do fim de um bloco histórico (neste caso, o burguês). Significa uma ação pedagógica revolucionária, capaz de entender quais sejam, no presente, os elementos e as forças sociais aproveitáveis no processo revolucionário. Importa que o proletariado saiba conquistar à sua própria visão do mundo todas as categorias de trabalhadores. Gramsci insiste, aqui, sobre a dureza da luta que se deverá sustentar para a conquista ideológica dos camponeses, sobre os quais ainda é muito forte a influência da religião e da Igreja. E preciso que algumas classes, as inferiores, superem com espírito crítico as influências ideológicas que receberam atra-

vés dos vários canais de comunicação da classe dominante. Importa superar este tipo de cultura para fundar outra radicalmente diferente, capaz de conduzir as classes subalternas a uma visão crítica do mundo, ao bom senso contra o senso comum; em resumo, à «filosofia da práxis».

Gramsci empregou esta expressão para indicar a própria visão marxista das relações teoria-prática, pensamento-ação, filosofia-revolução, concepção que para ele é a única apta a levar as classes dominadas a uma visão superior e crítica.

Hegemonia torna-se assim, segundo Gramsci, o ponto de partida de «uma reforma intelectual e moral», não relegada ao plano político, mas que se torna um fato cultural cuja conquista deve ser entendida como processo e como formação de uma nova cultura.

A reforma intelectual e moral

Nos países católicos onde não se verificou a experiência da Reforma Protestante, esta deverá ocorrer, em certo sentido, mediante uma «reforma de ordem intelectual e moral».

Gramsci aponta como um sinal de fraqueza da Igreja Católica o fato de ela não ter permitido, na época da Reforma, que se desse o amadurecimento das consciências, de maneira livre e popular. Ela delegou somente a uns poucos intelectuais a missão de serem a expressão da própria visão do mundo. «Na Itália, jamais se deu uma reforma intelectual e moral que abrangesse as massas populares». O materialismo histórico (ou a filosofia da práxis tem a função de desencadear esta reforma intelectual e moral e de criar um novo bloco histórico na sociedade italiana.

Religião em sentido leigo, segundo Gramsci, pode perfeitamente ser chamada essa reforma baseada sobre a unidade da «filosofia» e «práxis». «O problema da religião é entendido não no sentido confessional, mas no sentido leigo de unidade de fé entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta coerente. Mas por que denominar «religião» a esta unidade de fé e não denominá-la «ideologia» e até mesmo «política»?» Unidade de fé que engloba toda a vida cultural, pessoal, social: este é o principal problema de Gramsci, ou seja, «o problema de toda filosofia que se torna um «movimento cultural», uma «religião», uma «fé»; e exatamente como essa fé pode conservar a unidade ideológica em todo o bloco social que é cimentado e unificado exatamente por essa ideologia». «A força das religiões, e especialmente a da Igreja Católica, consistiu e consiste no seguinte: elas percebem, com muita clareza, a importância da unidade doutrinária de toda a massa religiosa e lutam para que os segmentos intelectualmente superiores não se separem dos inferiores. A Igreja Romana foi sempre a mais persistente no esforço para impedir que se formem, oficialmente, duas reli-

giões: a dos intelectuais e a das almas simples».

A Igreja como «intelectual orgânico»

A Igreja Católica, para Gramsci, é uma realidade extremamente complexa e complexos também são os juízos dele sobre ela. Em determinadas épocas históricas, como na Idade Média, quando ainda não nascera a civilização industrial e o seu mais importante produto, o proletariado, a Igreja foi a expressão do feudalismo e de uma economia estritamente ligada à terra. A Igreja conseguiu, nesse período, estabelecer um verdadeiro bloco histórico, uma unidade da sociedade, cimentando-a ideologicamente com os valores próprios de uma visão religiosa do mundo. Para Gramsci, é ine-

Para Gramsci a Igreja é a imagem invertida do partido

gável esta função histórica da Igreja. Se o proletariado pretende exprimir sua própria visão do mundo, é evidente que deverá substituir, definitivamente, o bloco histórico burguês e, em alguns países, também os resíduos do bloco histórico feudal, pelo novo bloco histórico sobre o qual assentará sua hegemonia. Isto não impede, porém, segundo Gramsci, que o modo mediante o qual a Igreja soube transformar a própria filosofia (fé) em ideologia (através dos seus intelectuais-sacerdotes, das escolas, da imprensa, etc.), tornando compacta a sociedade, é um caminho exemplar, que não deve ser combatido, mas imitado e levado a maior perfeição.

A filosofia da práxis, para ser convenientemente difundida, deveria empregar os meios e os métodos usados pelo catolicismo. «Para levar adiante o projeto, seria necessário estudar todo o material publicado pelos católicos dos diversos países a respeito da Bíblia, dos Evangelhos, da Patrologia, da Liturgia, da Apologética, enormes enciclopédias especializadas, de valor maior ou menor, mas que se multiplicam continuamente e que mantêm a unidade ideológica de centenas de milhares de sacerdotes e de outros dirigentes que constituem a estrutura e a força da Igreja Católica». Gramsci chega até a afirmar que esta unidade da Igreja, que é também uma unidade entre intelectuais e iletrados, entre a cúpula e as bases, tornou-a superior às filosofias modernas, que isolaram os intelectuais numa redoma aristocrática.

O que Gramsci condena na Igreja de sua época, e não na do passado, é a tentativa de manter os humildes na sua ignorância e de sustentar intelectuais que comunicam valores superados, sem pers-

pectiva de futuro. Os simples de hoje, dos quais fala Gramsci, são os proletários, cujos interesses a Igreja não reconheceria e que encontram noutra organização, o Partido Comunista, sua consciência crítica e seu guia.

Já se afirmou, a propósito, que para Gramsci a Igreja é a imagem invertida do Partido. Como este, a Igreja é um «intelectual orgânico», ou seja, um grupo homogêneo de intelectuais-dirigentes (os sacerdotes) que são os funcionários da sua ideologia, que são os mediadores fiéis de todo o tecido social, tornando-o compacto e unido. A sombra dessas instituições, o povo encontra uma realidade que atende aos seus interesses, um ambiente em que sua fé implícita e informe se torna explícita, consciente e, por isso, praticamente eficaz. A organização é necessária, tanto para a Igreja como para o Partido. A organização faz parte da organicidade a ser assumida pelo grupo de intelectuais que têm a função de guias e de críticos para as massas populares.

«Intelectual orgânico», «organicidade do pensamento» são termos usados por Gramsci para indicar a visão orgânica, a unidade de teoria e práxis, de pensamento e vida, de intelectuais e iletrados. Esta síntese é o caminho através do qual uma fé, uma filosofia se torna histórica, «se depura dos elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em vida». Segundo Gramsci, se atualmente a Igreja se encontra em crise é porque perdeu o contato com a gente simples, de tal modo que os seus intelectuais não mantêm a unidade orgânica com as bases. «O fato de a Igreja precisar enfrentar o problema das classes desfavorecidas significa que houve uma ruptura na comunidade dos fiéis, ruptura esta que não pode ser sanada mediante a elevação das classes inferiores até o nível dos intelectuais... mas com uma disciplina férrea sobre os intelectuais a fim de que não ultrapassem determinados limites na distinção e não a tornem catastrófica e irreparável».

Estas «rupturas» na comunidade dos fiéis foram sanadas, no passado, mediante a atuação das grandes ordens religiosas (São Francisco, São Domingos). «Mas a Contra-Reforma impediu a floração dessas forças populares». A Companhia de Jesus apressou o enrijecimento do organismo católico. Não mais existem verdadeiras ordens religiosas, no sentido popular, mas apenas formas de organização com um significado mais disciplinar do que unificador, inovador, revolucionário. «O catolicismo tornou-se jesuitismo».

Sob esse aspecto, Gramsci considera a filosofia da práxis superior à católica. «A posição da filosofia da práxis é antitética à católica: a filosofia da práxis não tentou manter as classes humildes na sua filosofia primitiva do senso comum, e sim conduzi-las a uma concepção superior da vida... a fim de construir com eles um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massas populares e não apenas de re-

duzidos grupos de elites intelectuais».

O catolicismo, segundo Gramsci, parece hoje incapaz de atingir as classes mais humildes, incapaz de superar a divisão entre intelectuais e iletrados. Na sua opinião, aqui se encontra, justamente o início da decadência definitiva daquilo que constituiu, na Itália, os resíduos do bloco histórico da Igreja. O associacionismo católico, como tentativa de reaproximação das massas populares para levá-las a um caminho diverso, não só está destinado ao fracasso, como também dá início à «auto-destruição do catolicismo». O motivo está no fato de que é ilusório a Igreja pensar em reconstituir um bloco histórico; por outro lado, as condições econômicas e políticas da Itália não permitem prever a curto prazo a realização do bloco histórico socialista.

Nessa fase de transição extremamente complexa, a exigência de unidade e de solidariedade que o colaboracionismo católico difunde entre as massas populares nada conseguiria, segundo Gramsci, a não ser apressar a tomada de consciência do proletariado. Esta classe social, destinada a assumir o comando da sociedade futura, causaria, assim, não apenas o afastamento definitivo do povo em relação à Igreja, mas a própria extinção do papel histórico e social da Igreja Católica na Itália.

O pós-Gramsci

Talvez o leitor já compreendeu por si mesmo como Gramsci, embora de boa fé, «tenha visado a Igreja Católica como primeiro adversário» (Del Noce). Esse adversário deve ser combatido com as armas da cultura e da ideologia, mas ser combatido porque anti-histórico. Na sua

O que Gramsci não previu foi que a Igreja haveria de posicionar suas relações com o mundo

opinião, a Igreja teve um papel a ser cumprido no passado, em épocas históricas como a Idade Média, em que a humanidade ainda não havia elaborado uma visão madura do mundo. Mas agora, por necessidade histórica, ela está destinada a não ter papel nenhum num futuro próximo.

Além disso, Gramsci não se colocou o problema da «religião» em si mesma. Nele não se encontra nem mesmo a idéia de que possa existir uma dimensão teológica da religião e da Igreja. Esta dimensão é que sabemos não estar destinada a perecer historicamente; esta dimensão é a única sobre a qual o cristão fundamenta a pró-

pria fé e dentro da qual, somente, é possível aprender o «sentido» da Igreja. A «filosofia da práxis» é, talvez, a tentativa mais radical do nosso século em apresentar o problema religioso numa visão secularizada.

Aquilo, entretanto, sobre o que o cristão deveria refletir é, a nosso ver, a análise dedicada por Gramsci ao «modo» como é transmitida uma fé, uma filosofia, uma ideologia. O interesse despertado por muitas das teses de Gramsci deriva do fato de que, embora sem se colocar o problema da «verdade» da fé, ele estudou o «modo» de transmissão da fé na Igreja. Esse modo pareceu-lhe não apenas exemplar para formar a coesão ideológica de um grupo social, mas também se mostrou fascinado por ele, sob diversos aspectos.

Importa, entretanto, observar que em determinadas épocas históricas a Igreja certamente se preocupou em tornar cristã toda a sociedade, a política, a cultura, mas atualmente, após o Concílio Vaticano II, emerge da própria Igreja a decisão de recolocar em novos termos as relações entre fé e realidades terrenas, sociais, políticas, culturais. O que Gramsci não previu — nem poderia fazê-lo — é que a Igreja haveria de posicionar, de maneira bem diferente, suas relações com o mundo, de modo a superar qualquer atitude triunfalista e integrista no plano social e político. Da mesma forma, Gramsci não previu que o associacionismo católico se desenvolveria com diretrizes diversas daquelas da Ação Católica de antes da II Guerra Mundial. Os caminhos novos seriam os do fermento evangélico e do progresso social a ser obtido num contexto pluralista e livre.

Por outro lado, embora nos escritos do pensador italiano não ocorram indícios de que pretenda impor as suas idéias a força, o pensamento de Gramsci dificilmente poderá evitar a denúncia de um novo integralismo e totalitarismo de cunho ideológico e cultural. No que diz respeito à Igreja, será possível não observar que, se o destino da sociedade civil — no interior da qual ele considera a Igreja — é o de aderir de forma unitária à filosofia da práxis, então num futuro bloco histórico ela não mais poderá difundir a própria fé, nem a própria cultura, sem a intimidação ideológica de um contexto social que, afinal, a considera reacionária, anti-histórica e, portanto, falsa?

Concluindo, vale salientar ainda que, evidentemente, esta sua visão estava condicionada ao momento histórico em que vivia a Itália, antes da última guerra mundial. Entretanto, a visão da Igreja Católica como instituição anti-histórica não confere mais com nossa atual realidade, particularmente a latino-americana, onde os movimentos eclesiais de base vêm tomando corpo e se exprimindo através dos teólogos e do episcopado. Gramsci, hoje, provavelmente analisaria a atuação da Igreja, especialmente a latino-americana, de modo bem diferente.

Gaspar Mura e Reinaldo Fleuri